

Da lei da morte libertando...

por Paulo Mendes Pinto

Figuras do Mundo da Morte, num túmulo do séc. II d.C., actualmente no Museu de Damasco



Os mitos multiplicaram-se. As narrativas complexificam-se e os cleros consolidam-se. Inanna, Marduk, Baal, Melkart, Adonai e Javé são alguns dos momentos marcantes na construção das ideias centrais no mundo das religiões do Mediterrâneo. Mais que cultos, nestas realidades temos a construção dos próprios conceitos de divino, de deus, de salvação.

Neste percurso, que nos levará da Pré-História aos séculos em que emerge a nossa Era, os grandes deuses são depurações de ideias que resultam de milhares de anos a contemplar as estrelas à noite. Ao chegar próximo do nascimento dos monoteísmos, um deus já é um legado cultural muito além do que nos permite a leitura imediata das suas narrativas.

Nesse momento, uma divindade já não é ela mesma, é afinção de necessidades, de receios e de medos, mas também de desejos e de sonhos.

Paulo Mendes Pinto

5 de Janeiro

**A nostalgia do paraíso:
o imaginário de um tempo sem trabalho
e sem sofrimento**

12 de Janeiro

**Cleros, hierarquias e reis:
o caminho para a sociedade do Bronze**

19 de Janeiro

**Nacionalismos, ecologia e salvação:
o nascimento do indivíduo na Idade
do Ferro**

26 de Janeiro

**Baal e El, ou Adonai, Eloim e Adonis:
a junção eficaz das definições do divino**

Possivelmente, há já alguns milhares de anos que somos o que hoje temos à nossa frente. Fisicamente, esta forma com que nos gostamos de designar enquanto duplamente sábios, *sapiens sapiens*, terá

uns 200.000 anos. Há uns 40.000 anos que enterramos os mortos com flores. Nos últimos 5.000 anos fomos “da lei da morte libertando”, desenvolvendo um conjunto de mitologias e de raciocínios que nos levou à imortalidade e a todo um grupo de crenças que hoje nos estruturam o pensamento.

Com a passagem ao Neolítico, ganhámos a nostalgia dos tempos anteriores que apelidámos de paradisíacos. O trabalho do cereal possibilitou um crescimento populacional, mas implicou uma “domesticação” que não foi apenas dos animais à nossa volta, também foi de nós próprios.

A partir desse momento, sempre buscámos o inalcançável. Seja nas mitologias da Suméria onde a Condição Humana nos surge quase ao nível do desumano, seja na Babilónia onde se começa a esquivar uma ecologia em que tudo está interligado e dependente de uma imensamente marcante Criação.

19 de Janeiro

**Nacionalismos, ecologia e salvação:
o nascimento do indivíduo na Idade
do Ferro**

Na passagem da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, nem só a metalurgia se modifica. Muito mais, na vida dos Homens, se altera. Entramos numa época de fim de paradigma: por um lado, a sociedade típica da Idade do Bronze, altamente hierarquizada, onde os monarcas são deuses ou a eles aparentados, desaparece, por outro, o Homem emerge com novas dimensões.

No final da Idade do Bronze, já surgiram novidades em termos de comportamento religioso e colectivo que nos anunciavam esta alteração. Em Ugarit, na actual Síria, um mito dava, pela primeira vez, um lugar central ao Homem: incapaz (ou desinteressado) Baal não aniquilaria a Morte, deixando-a ter nos Homens o seu

QUARTAS-FEIRAS 5, 12, 19, 26 DE JANEIRO DE 2011 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

pasto milenar. A eternidade não lhe era garantida, mas a porta estava aberta.

E a porta era, por volta do século XV/XIV a.C., uma porta que encontraria numa nova ferramenta técnica a maior das ferramentas mentais. Nunca mais se passaria a pensar da mesma forma. Com a invenção do alfabeto, também as ideias passavam a poder deambular pelo cérebro sem os constrangimentos da imagem e das figuras.

Nascida a principal ferramenta da onipotência e da onisciência divina, os deuses poderiam, finalmente dar muito mais ao Homem.

Na Grécia Antiga, o caminho faria o resto. E quando falamos de Grécia, referimo-nos a todo o Mediterrâneo Oriental no início da Idade do Ferro. Uma vasta região onde pulula o comércio e a moeda. Levítico, por exemplo, é imagem do que se teve que inovar no campo da dignidade individual.

Nascem as constituições, nascem os tribunais, nascem os deveres e os direitos. Do mundo militar virá a maior das inovações. Todos são iguais, a máxima que no "banquete" será a máxima religiosa mais forte.

Paulo Mendes Pinto é Director da Licenciatura e do Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona. Trabalha em torno da mitologia do Mediterrâneo Antigo, especialmente Suméria, Babilónia e Canaã. Actualmente, dirige o projecto *Inquérito à Cultura Religiosa em Portugal*, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.